

DECLAMAÇÃO COMO GÊNERO: DEFINIÇÃO, ORIGENS E PRÁTICA

BARBARA DA COSTA SILVA*

Universidade de São Paulo

Resumo. O presente artigo tem como objetivo o estudo da declamação como gênero literário. Para tanto, três tópicos são abordados: (1) a definição do que seria declamação; (2) as origens da prática até sua consolidação na Roma imperial; e (3) os contextos de performance, as funções sociais e as circunstâncias que definiam a declamação como um gênero literário *per se*. Por declamação, entende-se o discurso judicial ou deliberativo ambientado em uma situação fictícia, que surgiu no contexto de aprendizado da oratória na escola dos sofistas. Sabe-se que, pelo menos a partir do século I d.C., a prática passou a ter um fim em si mesmo, constituindo-se como o elemento central da demonstração (*epideixis*) dos sofistas imperiais. Sua origem é, contudo, obscura e já na Antiguidade era motivo de debate.

Palavras-chave. Declamação; ensino da oratória; exercícios retóricos; Sêneca o Velho; Filóstrato.

D.O.I. 10.11606/issn.2358-3150.v17i2p77-100

SOBRE A DEFINIÇÃO DE DECLAMAÇÃO

O EXERCÍCIO ESCOLAR NO QUAL OS ESTUDANTES COMPÕEM UM DISCURSO NO papel de uma personagem fictícia ou histórico-mitológica, baseados em uma situação inventada ou histórico-mitológica, que mais tarde convenção-se chamar “declamação” é, muito provavelmente, oriundo de uma tradição retórica em vigor na Atenas do século V a.C.¹ Os antigos já se questionavam sobre as origens do exercício, mas todos, exceto Sêneca o Velho, reconhecem as ascendências gregas desse costume.

Os textos supérstites cobrem uma vastidão de séculos, do período Helenístico ao Renascimento,² havendo um recrudescimento dos mesmos em alguns momentos específicos, a saber I-II, IV e VI d.C. São poucos, con-

* Doutoranda em Letras Clássicas, desenvolvendo pesquisa sobre Declamação.

** Artigo recebido em 7jul.2014 e aceito para publicação em 27.set.2014.

¹ Sobre definição de “declamação”, cf. Russel 1983, 9–13; Clark 1957, 213; Gunderson 2003, 1; Edward 1929, xv; Russel 1996, 5.

² Thomas More verteu ao latim *O Tiranicida* de Luciano de Samósata. Sobre a recepção de Corício na Idade Média, Cf. Amato 2009.

tudo, os testemunhos anteriores ao Império Romano: um tanto de fragmentos de exercícios escolares helenísticos encontrados sobretudo no Egito, algumas referências clássicas ao ensino das retóricas judicial e deliberativa, especialmente pelas mãos dos sofistas, e uma porção de discursos dubitáveis em relação ao seu caráter escolar, como é o caso do *Acusação contra a Madrastra* de Antifonte e do *Defesa de Helena* de Górgias.

Os *corpora* declamatórios, grego e latino, não são homogêneos: as declamações latinas, com exceção das *Declamações Maiores* de Quintiliano, têm caráter fragmentário e são incompletas. Por outro lado, o *corpus* grego caracteriza-se pela recorrência de orações inteiras. Esse fato dificulta a tipificação do exercício; é possível, porém, restringir “declamação” tendo em vista alguns parâmetros. A declamação é a reprodução de um discurso forense ou deliberativo que reúne alguns – senão todos – os exercícios preliminares (descrição, narração, tese, etc.) e deve apresentar as quatro partes tradicionais do discurso, a saber, proêmio (προοίμιον/*exordium*), narração (διήγησις/*narratio*), prova (πίστις/*probatio*) e epílogo (ἐπιλογος/*peroratio*).³

Quatro são os testemunhos latinos que nos restaram: o livro de *Controvérsias e Suasórias*⁴ do velho Sêneca (54 a.C.–39 d.C.), no qual Sêneca apresenta excertos de declamações as quais ouvira durante sua vida. As *Declamações Maiores* e *Declamações Menores* de Quintiliano e as de Calpúrnio Flaco. No âmbito latino, as declamações aclimatadas no gênero judiciário eram conhecidas como *controversiae*, enquanto as do gênero deliberativo eram chamadas de *suasoriae*. Na tradição grega, embora haja testemunhos antigos que atestem o ensino da retórica judicial, deliberativa e epidítica, a divisão entre os diferentes tipos de declamação parece não ter sido tão precisa, podendo-se arguir que mesmo dentre as declamações de Libânio e Corício há textos que se aproximam do gênero epidítico.⁵

Quanto à estruturação, toda μελέτη ou *controversia/suasoria* é precedida, comumente, de um tema (θήμα/*thema*). Os temas eram brevíssimas sinopses do caso a ser debatido, cuja função era a de introduzir a história de forma simplificada, de modo a haver amplo espaço para que o orador preenchesse as lacunas durante seu discurso. Sêneca, além do tema, tam-

³ Russell (1983, 10) diz que *melete*, enquanto uma composição propriamente dita, é denotada tanto por seu conteúdo quanto por sua forma. Sendo assim, algumas condições devem ser preenchidas: (1) tem que ser a reprodução de um discurso forense ou deliberativo; (2) tem que ser um discurso inteiro, não apenas parte de um. Entende-se por “discurso inteiro” um discurso que reúna as quatro partes tradicionais, além dos exercícios preliminares.

⁴ O nome original em latim dessa obra de Sêneca é *Oratorum et Rhetorum Sententiae, Divisiones et Colores*.

⁵ Discute-se sobre os gêneros da retórica na Império tardio. Alguns acreditam que houvesse mais espaço à retórica epidítica do que ao gênero judicial e deliberativo. Cf. Criobore 2013, 37.

bém preserva em sua coletânea as leis que regiam o caso, enquanto Quintiliano, além do discurso e, por vezes, o tema, também traz outra parte introdutória conhecida por *sermo*. Dentre os gregos, os maiores *corpora* declamatórios são os de Aristides (II d.C.), de Libânio (IV d.C.) e de Corício (VI d.C.). Das 51 declamações de Libânio, restaram os títulos e as declamações propriamente ditas. Corício, por outro lado, conserva os títulos, os temas, as teorias – introduções teóricas – e as declamações propriamente ditas, além de um conjunto de curtos discursos conhecidos como *dialexeis*.

Embora a declamação tenha se consolidado como um exercício escolar, sabe-se que em meados do século I d.C. a prática transcendia os muros da escola e adquirira um fim em si mesmo.⁶ Sêneca, o Velho, informa que as sessões declamatórias ocorriam em público, em um salão alugado ou na própria escola, como sugere a expressão *apud Cestium* (*Con.* 1.pr.22), ou em reuniões privadas (*non admittebat populum*, *Con.* 10.pr.4).⁷ Como indica Plínio (*Ep.* 2.3.2), primeiramente escolhia-se o tema. Uma vez que o tema fora selecionado, o declamador comporia um prefácio (*Con.* 3.pr.11), ainda sentado. Em seguida, ele declamaria em latim e em grego por ambos os lados do caso. As evidências de Sêneca e Quintiliano, obviamente, apenas nos informam sobre a prática no Império, mas, como atesta também Corício, várias reuniões poderiam ser necessárias para que um declamador completasse seu discurso. Filóstrato (*vs.* 1.24), ao narrar a vida de Marcos de Bizâncio, revela que a proposição do tema partiria da audiência. Kennedy (1974, 19) nota que isso não seria tão desafiador quando parece, uma vez que, após alguns anos de experiência, o professor já teria muita familiaridade com o estreito *corpus* de temas declamatórios, o qual comumente se repetia.

Hodiernamente, *declamação* engloba diferentes significados: um, mais lato, de composição retórica elaborada tendo a vista a consulta e referência e, sobretudo, a exibição⁸; outro, mais estrito, de discurso judicial ou

⁶ Não se sabe quando a declamação transcende os muros das escolas e adquire um fim em si mesmo. As fontes latinas nos fazem crer que os exercícios retóricos só passaram a ser apresentados em público no fim da República. No entanto, sabe-se que discursos que se assemelham às declamações tardias, tais como o *Ajax* de Antístenes e o *Odísseu* de Alcidas, já compunham a *epideixis* do sofista. Cf. Sloane 2001, 254–5.

⁷ Cf. Bonner 1949, 51.

⁸ É comum ler a palavra “declamação” associada a Górgias, Antístenes, Alcidas e Sócrates. Cf. Montiglio 2011, 25–6; Russell 1996, 5. É bastante interessante, contudo, ressaltar uma aparente hesitação da crítica em referir-se aos textos retóricos gregos do Período Clássico pelo termo “declamação”. Marrou (1977, 202), por exemplo, diz que “o espaço central era ocupado por discursos imaginários os quais os críticos *insistem* (grifo meu) em chamar ‘declamações’, pois essa era a palavra usada pelos professores de retórica latinos para traduzir o termo técnico *μελέται*”. A afirmação de Marrou, embora problemática, sobretudo pelo fato de *declamatio* não ser uma tradução de *μελέτη*, conserva-se importante por notar a inadequação dos termos técnicos utilizados pela crítica. Alguns ainda, como Deratani (1929) e Cole (1991, 83) referem-se à declamação tardia

deliberativo baseado em situações inventadas, comumente associado a Sêneca e Quintiliano. Essa dificuldade em definir declamação surge, contudo, de um esforço da crítica em caracterizar algo que na própria Antiguidade não seria tipificado.

A palavra grega para declamação é, com mais frequência, μελέτη. O termo μελέτη é atestado pela primeira vez em *Trabalhos e os Dias* de Hesíodo (380, 412, 457) com complemento em genitivo significando “cuidado por” ou “cura”. Civiletti (2002, 61) nota que o termo, a partir de Píndaro e por todo Período Clássico, designa “exercício”. Em Platão (*Fedro* 269d) e Demóstenes (18.309), contudo, o termo já adquire uma acepção retórica, significando “exercitação retórica”, portanto, bastante aproximada ao significado lato conferido ao termo pela crítica moderna.⁹ Πλάσμα é outra nomenclatura recorrente usada pelos retóricos do império tardio para denominar os discursos fictícios. Contudo, esse termo também era usado para denotar qualquer composição fictícia, seja um romance, uma fábula ou uma declamação propriamente dita.

O uso mais antigo de *declamatio* encontra-se na *Retórica a Herênio* (3.11–2, 3.20), associado à *pronuntiatio*, possivelmente como a tradução latina do grego ἀναφώνησις; a palavra latina para o que depois veio a ser chamado *declamatio*, no século I a.C., é *causa*, por vezes também *constitutio*. No século I a.C., segundo Bonner (1949, 25), “a prática da ‘declamação’ estava, provavelmente, confinada às escolas de oratória, ou à privacidade da casa, e não havia adquirido nenhuma nuance social. Sua terminologia era nova e nem *declamatio* nem *controversia* significavam o que depois vieram a denotar”.

Parece, pois, que sob a alcunha “declamação”, usada pelos modernos tendo em vista os textos latinos para facilitar a referência aos textos gregos, jazem diferentes tipos de discurso, de diferentes temáticas, performances e formas. As diferenças entre o corpus latino e o grego são patentes: primeiro, como fora mencionado, não há na tradição grega a preocupação em dividir temas judiciais dos deliberativos, a palavra para “declamação” em grego é μελέτη, que não é a tradução de *declamatio*, *scholastica*, *controversia*,

pelo termo latino *declamationes*, não o aproximando de suas línguas respectivas (francês e inglês). Cole parece restringir o vocábulo latino aos textos romanos – comumente vê-se a *declamatio* latina –, ignorando o corpus grego imperial. Na minha opinião, esse aparente desconforto quanto às nomenclaturas reflete o fato de que a natureza geral desses textos não foi completamente compreendida pela crítica e que mais estudo sobre a forma e conteúdo das declamações em contraposição às forma e conteúdo de “discursos reais” é preciso.

⁹ No *Fedro* (269d), por exemplo, diz Sócrates: Τὸ μὲν δύνασθαι, ὦ Φαῖδρε, ὅστε ἀγωνιστὴν τέλει γενέσθαι, εἰκός – ἴσως δὲ καὶ ἀναγκαῖον – ἔχειν ὡσπερ τᾶλλα· εἰ μὲν σοι ὑπάρχει φύσει ῥητορικῶ εἶναι, ἔση ῥήτωρ ἐλλόγιμος, προσλαβὼν ἐπιστήμην τε καὶ μελέτην [...]. (“Quanto ao poder, Fedro, de se tornar um competidor completo, é razoável – talvez até necessário – possuir também outras coisas. Se é da tua natureza ser retórico, serás um orador eloquente, valendo-se de conhecimento e exercício.”)

suasoria ou *causa*, palavras usadas pelos latinos para fazer referência à declamação. Além disso, pelo que mostram Sêneca e Quintiliano, os declamadores romanos consideravam os temas históricos mais fáceis e triviais; explica-se, portanto, o fato desses serem tratados, principalmente, nas suasórias. Já os declamadores gregos do Império tardio primavam por temas de cunho histórico-mitológico, uma vez que a religião, a língua, a história, a arte, a literatura e a filosofia gregas eram revisitadas e revistas com certo esmero. Os temas declamatórios refletiam tal sentimento de preservação da cultura helênica.

SOBRE A ORIGEM DA DECLAMAÇÃO

Sabe-se que em meados do século v a.C. o sistema educacional antigo, a ἡ ἀρχαία παιδεία (*Nuv.* 961), baseado no ensino dos poetas canônicos, na ginástica e na música, teria se revolucionado com a chegada dos sofistas. Esses tutores ocupavam-se com o παιδεύειν ἄνθρώπους (*Prot.* 317b), “educar homens”, em troca de dinheiro. O movimento surgiu, segundo Poulaklos (1995, 11–15), da necessidade de treinar cidadãos para os mais variados cargos políticos, no contexto da instauração da democracia na Grécia no século v a.C. Em meio a tal configuração, discursar bem, tanto para defender-se num processo judicial quanto para angariar votos em seu favor, seria fundamental.

Uma das características mais distintivas do modelo empregado pelos sofistas seria o método expositivo, baseado em discursos-exemplo, cuja função seria a de fornecer ao estudante um modelo a ser seguido; no *Fedro*, por exemplo, logo no início, Fedro lê um discurso que mais cedo ouvira e copiara de Lísias. A exposição de preceitos seria predominantemente oral, embora haja inúmeras menções aos tratados escritos sobre a arte de falar. Sócrates (*Fedro* 271b) menciona os “que hoje escrevem tratados” (οἱ νῦν γράφοντες [...] τέχνας) e Fedro (266d) faz referência aos livros escritos sobre oratória.¹⁰ Comumente ressalta-se não só por essas passagens platônicas, mas também por Aristóteles (*Retórica* 1354b26) e Isócrates (*Contra os Sofistas* 19), que os manuais (em grego, τέχνη¹¹) de oratória produzidos pelos sofistas

¹⁰ *Fedro* 266d: καὶ μάλᾳ που συχνά, ὁ Σώκρᾳτες, τὰ γ' ἐν τοῖς βιβλίοις τοῖς περὶ λόγων τέχνης γεγραμμένοις. (“Sócrates, muitas coisas ainda restam nos livros escritos sobre a oratória”).

¹¹ Como bem nota Cole (1991, 81) a palavra grega τέχνη é usada tanto para nomear o tratado mais sistemático e teórico quanto para o discurso modelar ou qualquer exibição da habilidade do orador que fosse publicada e não composta para performance oral. Kennedy (1959, 171–2), ao

estariam confinados ao gênero judicial. Wilcox (1942, 123) refuta essa teoria, salientando que a única explicação satisfatória para a falta de teoria sobre o gênero deliberativo seria uma menor demanda por tal conhecimento; o que se sabe não ser correto, pois a ênfase dada pela crítica à oratória judicial refletiria o enfoque dado à mesma pelos antigos em períodos posteriores, sobretudo nos períodos helenístico e romano. Embora haja suficiente material para se acreditar que o ensino sofístico da eloquência englobaria as oratórias judicial e deliberativa, é conveniente ressaltar que a divisão entre os gêneros e o tipo de argumentação cabível a cada um não seria delineada de forma ortodoxa nos primórdios da teoria retórica.

Quanto ao nível de refinamento teórico e ao teor dos textos que compunham as τέχναι mais antigas, a crítica parece divergir. Há quem compartilhe de certo ceticismo à crença de que os manuais do século v a.C. trouxessem algo além de uma coleção de textos modelares e lugares-comuns¹²; enquanto outros pensam haver espaço para uma maior sofisticação teórica.¹³ O fato de nenhum manual do século v a.C. ter restado e a natureza dos textos-modelares revelam ser mais provável que os manuais do século v a.C. fossem mais próximos de uma compilação de textos inteiros, a serem memorizados pelos alunos, embora um certo nível de teorização fosse esperado, ao menos quanto às partes do discurso e aos argumentos por probabilidade. Uma maior simplicidade teórica também seria explicada pela prevalência do ensino oral: as dúvidas concernentes à técnica poderiam ser sanadas durante os encontros.

Quanto aos textos modelares que compunham os manuais, Kennedy (1959, 169) fala em termos de “sophistic orations” (“discursos sofísticos”, em

comentar a passagem do *Brutus* (46 sqq.) afirma que a palavra *ars*, nesse contexto, adquire dois significados: a teoria dos retóricos, seja exposta oralmente seja escrita, e a exposição escrita.

¹² Cf. Cole (1991, 71 sqq.) e Schiappa (1999, 50–1) para uma visão na qual a retórica como arte ensinada através de uma teoria data do século iv a.C. e não do v a.C. Já Marrou (1956, 53) acredita que após Górgias a retórica teria sido ensinada de duas formas: prática e teoria.

¹³ Cf. Kennedy (1963, 52 sqq.; 1959, 175 sqq.). Kennedy (1959, 175–77) afirma que os manuais variariam pouco à medida que um autor propusesse adições à teoria de seu predecessor e, de fato, esse parece ter sido a regra, uma vez que os manuais do período Imperial supérstites apresentam, de forma geral, as mesmas teorizações com pouca diferença (cf. *Progymnasmata* de Elio Teão e seus sucessores). Kennedy propõe que as primeiras teorias a serem compiladas em manuais teriam sido as de Córax e Tísias. Segundo Aristóteles (*Ret.* 1402a17) a *techné* de Córax era o argumento por probabilidade e, segundo o quarto *Prolegomenon* (Rabe), Córax teria sido responsável por um modelo tripartite: introdução, agôn e conclusão. Kennedy (1959, 178) conclui: “The earlier theoretical handbooks contained only a discussion of invention and distribution, and the arrangement shown in Plato’s description in the *Phaedrus* implies that invention was treated under proof, rather than in a separate section. During the fourth century a discussion of style and an introductory discussion of invention were added, and Aristotle suggests the further addition of delivery (1403b10ff.). The end of the Rhetoric and also the of the *Rhetorica Ad Alexandrum*, usually attributed to Anaximenes, thus represents expanded fifth-century handbooks. The prefixed material and also the concern with more than judicial oratory, is distinctive of the fourth-century”.

tradução livre), cujas características distintivas seriam o uso do mito, o papel central na demonstração das habilidades do sofista e o cenário fictício, onde o até mesmo um júri inventado serviria como interlocutor.¹⁴ Por outro lado, Cole (1991, 74) fala sobre “textos de referência e consulta” (“reference and consultation texts”) – tais como os discursos de Antífote e a prosa de Tucídides – que seriam compêndios de informação confeccionados para serem ocasionalmente consultados ou um amálgama de comentários de especialistas feitos para serem consultados por quem não pudesse recorrer ao especialista em pessoa. O estudioso, ao analisar a prosa ática do século v a.C., argumenta que a impressão passada pelos textos do período é a de que foram compostos tendo em vista a “prática e a performance” (“practice and demonstration”). Exemplos desses discursos modelares seriam as *Tetralogias* e os *Dissoi Logoi*, devotados aos tópicos que surgiriam em uma discussão oratória de qualquer gênero e imaginados tendo em vista sua utilidade em qualquer contexto. Tomando como referência o comentário de Cícero no *Brutus* 47, no qual o orador romano diz que Górgias escrevia elogios e vitupérios sobre dado tema, Cole (1991, 75–6) afirma que os textos de “prática e performance” facilmente se tornariam textos para apresentação (“display texts”), discursos criados para avultar as habilidades do professor, bem como para ilustrar seu trabalho diante de outros profissionais.

De fato, os discursos modelares, sejam eles para consulta ou referência, sejam eles parte integrante da demonstração do sofista, se assemelham bastante às declamações imperiais, consagradas pelos testemunhos de Sêneca e Filóstrato: compartilham de um cenário fictício e da matéria mitológica.¹⁵ Dentro de uma configuração em que se prezava o exemplo, a matéria ficaria à mercê da forma, cuja primazia transparece-se nos temas lúdicos e rasos. Dentre os textos supérstites do século v a.C., poucos são irrefutavel-

¹⁴ Cf. Kennedy 1959, 169–70: “Although some of the sophists made use of the question and answer method of instruction adopted by Socrates their more characteristic educational device, whatever the subject at hand, was the speech, often flamboyant, long or short, in which the sophist undertook to demonstrate his point artistically. Sometimes a myth would be used, sometimes the technique was an indirect one in which all possibilities were enumerated, all but one disposed of, and the last accepted as necessarily valid. Sometimes the audience was asked to choose the form of the sophist’s demonstration. The subject might be literally anything. Examples of the sophistic orations are the one in Plato’s *Protagoras*, the two extant complete speeches of Gorgias: *Helen* and *Palamedes*, the *Ajax* and *Odysseus* of Antisthenes, and the *Odysseus* of Alcidas.”

¹⁵ As semelhanças entre os discursos sofísticos do período clássico e as declamações do período romano são apenas assinaladas, mas não analisadas por diferentes autores. Kennedy (1959, 170), por exemplo, chega a dizer que “the technique was the thing: the sophist is purely a rhetorician, and his speech is a declamation not unlike those in vogue later at Rome”. Cole (1991, 80–1): “The ‘protorhetorical’ practice and demonstration text is simply, as has often been pointed out, a written version of the exercise (*scholē, melete*) of Hellenistic and post-Hellenistic times, best known through its Latin outgrowth or equivalent, the *declamatio*”.

mente discursos modelares¹⁶: as *Tetralogias* de Antifonte, os *Dissoi Logoi*, a *Helena* e o *Palamedes* de Gorgias. Arguiu-se que esses modelos fundamentam-se em argumentos genéricos, apropriados às oratórias forense e deliberativa e não somente a um caso específico (Cole 1991, 75). Os textos em questão, porém, refletem os estágios primordiais do desenvolvimento dos exercícios retóricos, os quais a partir do período Helenístico parecem adotar novas nuances e temas. Desta forma, o *Ajax* e o *Odisseu* de Antístenes e o *Odisseu* de Alcidas também representariam estágios evolutivos da prática. As declamações mais antigas do fim do século v a.C. e início do iv a.C. baseiam-se, sobretudo, em temas mitológicos; aspecto esse que prevalece na declamação grega tardia, mas que não se constitui como elemento distintivo na romana. As *Tetralogias* de Antifonte, contudo, são o exemplo cujas ligações com a declamação tardia são mais evidentes, pois essas relacionam-se à teoria da *στάσις*. Na primeira tetralogia, um homem x é encontrado morto; seu escravo, que fora ferido, reconhece, pouco antes de morrer, um homem y como o responsável pelo homicídio; a família de x processa y por assassinato. Na segunda tetralogia, enquanto x treinava arremesso de lança, y entrou na mira do instrumento e foi morto; a família de y processa x por assassinato. Na terceira tetralogia, uma briga acontece entre um jovem x e um velho y; y acaba morrendo e sua família processa x por assassinato; x alega ter agido em autodefesa. A primeira tetralogia fundamenta-se na questão: “y matou mesmo x? houve homicídio?”. No segundo caso, a pergunta a ser feita é: “foi homicídio? x deve ser condenado por assassinato ou por alguma outra acusação?”. No terceiro caso, a questão a ser respondida é: “x tinha o direito legal e moral de agir como agiu, já que alega ter agido em autodefesa?”. Essas questões, que representam os pontos de partida dos quais o orador deve valer-se para estruturar seu discurso forense, foram, mais tarde, sistematizadas por Hermágoras de Temnos, culminando na conhecida teoria das *στάσεις*.

Nota-se, portanto, que, com o advento dos sofistas, ainda no século v, instaurou-se uma tradição de ensino da retórica através de discursos exemplares; tradição essa que no século iv a.C. aliada ao treinamento teórico culmina no desenvolvimento da declamação helenística. A sofisticação das teorias acerca da *invenção* demandou a criação de novos temas e matérias e é, possivelmente, por isso que os temas declamatórios pós-helenísticos prezam pelo quiproquó e pelas situações impossíveis. Convém ressaltar que no *corpus* declamatório imperial além de discursos modelares sobre personagens fictícias, também se encontram discursos em resposta a um

¹⁶ Uma das explicações para a escassez de textos modelares é, como nota Kennedy (1959, 174), a efemeridade de tais composições, que, compostas para preencher uma lacuna, logo cairiam em esquecimento.

orador ateniense célebre em dada situação, como é o caso das declamações demostênicas (17–23) de Libânio. Essas composições parecem encontrar seus precursores em textos como as *Apologias* de Platão e Xenofonte.

Nesse contexto, falar em origem da declamação é percorrer um caminho perigoso; primeiro, porque pressupõe que houvesse um gênero declamação reconhecido na Antiguidade, segundo porque espera alcançar um ponto determinado na história e no espaço, ignorando que o ensino da retórica através de discursos modelares estendeu-se por mais de um milênio. Os próprios antigos, porém, já debatiam as origens do exercício. Sêneca, no prefácio de seu primeiro livro de controvérsias, parece reconhecer três estágios de desenvolvimento: o primeiro seria a *thesis* pré-ciceroniana; o segundo as *causae*, declamações privadas, de Cícero e seus contemporâneos; e, por fim, a declamação propriamente dita, chamada de *controversia* e, posteriormente, *scholastica*:

Declamabat autem Cicero non quales nunc controversias dicimus, ne tales quidem quales ante Ciceronem dicebantur, quas thesis vocabant. Hoc enim genus materiae quo nos exercemur adeo novum est ut omen quoque eius novum sit: controversias nos dicimus; Cicero causas vocabat. Hoc vero alterum nomen Graecum quidem, sed in Latinum ita translatum ut pro Latino sit, scholastica, controversia multo recentius est, sicut ipsa “declamatio” apud nullum antiquum auctorem ante Ciceronem et Calvum inveniri potest, qui declamationem <a dictione> distinguit; ait enim declamare iam se non mediocriter, dicere bene; alterum putat domesticae exercitationis esse, alterum verae actionis. Modo nomen hoc prodiit; nam et studium ipsum nuper celebrari coepit: ideo facile est mihi ab incunabulis nosse rem post me natam.

No entanto, Cícero declamava não aquilo que nós chamamos de “controvérsia”, nem certamente aqueles que se falavam antes de Cícero, que se chamavam “theses”. Pois este gênero de matéria no qual nós nos exercitamos é de tal modo novo que também o nome dele é novo. Nós dizemos “controvérsias”, Cícero chamava de “causas”. Um outro nome, certamente grego, mas traduzido ao latim como se fosse latino, “escolástica” é muito mais recente que “controvérsia”, assim como a própria “declamação” não pode ser encontrada em nenhum autor antigo antes de Cícero e Calvo, o qual distingue “declamação” e “dicção”, pois diz que ele ainda não declama aceitavelmente, mas fala bem. O primeiro julga que se trata de um exercício doméstico, o segundo, de uma ação verdadeira. Há pouco o nome apareceu, pois também o estudo começou a ser apreziado recentemente. Assim é fácil para mim conhecer esta matéria, que nasceu depois de mim, desde o berço. (*Con.* 1.pr.12, trad. Costrino, com alterações)

Como testemunho histórico ao desenvolvimento do gênero essa passagem senequiana é bastante problemática.¹⁷ Primeiramente, aguça a curio-

¹⁷ Para as diferentes interpretações deste parágrafo, cf. Fairweather 1981, 118; Edward 1929, xv–xvi. Sinclair (1995) afirma que Sêneca, ao se preocupar em mostrar “os primeiros”, as origens, segue uma linha recorrente na literatura do início do Império. Outra leitura programática possível é a apresentada por Bloomer (2007, 298): “The Elder Seneca thought that declamation had devel-

sidade dos estudiosos o fato de Sêneca não fazer menção a uma origem grega, dizendo que a prática é “rem post me natam” (“nascida depois de mim”). Russell salienta (1983, 3) que Sêneca, possivelmente, tenha levado em consideração apenas os princípios gerais do exercício, tendo omitido a teoria fundamental das *στάσεις* não por ignorância, mas por julgar outros detalhes mais atrativos (*sententiae, colores e divisiones*).¹⁸ O segundo problema é a questão das nomenclaturas; inúmeros termos são citados para descrever o que seriam estágios progressivos de uma mesma prática: *controversia, causa, scholastica, dictio, thesis, declamatio*. Para Edward (1928: xv), a alteração dos nomes pode indicar uma mudança tanto da matéria quanto dos métodos empregados, mas que, após Sêneca, *declamare* comumente significa “produzir um discurso para apresentação” (“a speech for display”). Em Cícero (*De Fin.* 5.2; *Brutus* 310), o verbo *declamare* traz consigo a noção de “exercitar-se na arte do falar em privado”. Já *dictio* remontaria à prática de pronunciar um discurso em público. O estudioso vai mais longe ao afirmar que

não há nada de surpreendente na ideia de discursar em privado sobre temas puramente fictícios ou sobre assuntos retirados dos tribunais ou da história a fim de exercitar-se na arte; mas essa não é a declamação que Sêneca diz que conhece desde o começo. Essa afirmação de Sêneca tem causado muita dificuldade, mas para mim é perfeitamente clara. É seu assunto que é novo e o modo de discursar em público. (Edward 1928, 15).¹⁹

Seja como for, é possível afirmar que tanto Sêneca no prefácio em questão quanto Suetônio na canônica passagem do *De Rhetoribus* (25.8) reconhecem que a prática declamatória em Roma teria se originado a partir das *theses* gregas (Fairweather 1981, 117).

Outras duas são as tentativas de alocar as origens do gênero declamatório em um contexto histórico:

His fere ueteres facultatem dicendi exercuerunt, adsumpta tamen a dialecticis argumentandi ratione. Nam fictas ad imitationem fori consiliorumque materias apud

oped at Rome in his own lifetime. This belief suited his own published account of declamation, which has at its core the old man’s memory prodigious by his own account”. Sobre memória em Sêneca, cf. Blommer 1997, 111; Gunderson 2003, 29–33.

¹⁸ Cf. Fairweather 1981, 115: “Seneca was acquainted with Greek technical names, *thesis* and *scholastica*, for different types of declamation themes (*Contr.* 1.pr.12); he knew that there were a few standard *quaestiones* used by Greek declaimers in *controversiae*, which the Romans had removed (*submoverunt*, *Contr.* 1.7.12, cf. 1.8.7); he also dates (in *Contr.* 2.pr.5) the origins of Latin rhetorical education to the boyhood of Cicero, and yet in *Contr.* 1.pr.12 refers to a stage in scholastic history before Cicero’s time. But he nowhere refers explicitly to the debt owed by Rome to Greek educational methods or shows any sign of having made a clear assessment of it.”

¹⁹ Cf. Bonner 1949, 31: “Seneca lived to see very different circumstances for such declamations: to Cicero they afforded an occasional source of practice or amusement, and especially solace in difficult and anxious times, but they were essentially private, and delivered to a small audience of friends. Declamation among friends still survived after Cicero’s day, but the private rehearsal and friendly demonstration were soon to give place to the more brilliant public exhibitionism of the Empire.”

Graecos dicere circa Demetrium Phalerea institutum fere constat. An ab ipso id genus exercitationis sit inuentum, ut alio quoque libro sum confessus, parum comperi: sed ne ii quidem qui hoc fortissime adfirmant ullo satis idoneo auctore nituntur. Latinos uero dicendi praeceptores extremis L. Crassi temporibus coepisse Cicero auctor est: quorum insignis maxime Plotius fuit.

Tais eram os modos nos quais os antigos exercitavam suas capacidades de discursar, apesar de terem tomado o método dos dialéticos. É de comum acordo que discursar sobre temas imaginários, construídos para imitar casos judiciais e deliberativos, teria se iniciado por volta da época de Demétrio de Falero. Se ele próprio inventou o exercício, não fui capaz de descobrir, como admiti em outro trabalho. Mesmo aqueles que afirmam isso com convicção não têm suficiente autoridade confiável. Quanto aos professores latinos, Cícero nos afirma que começaram no fim do tempo de Lúcio Crasso. O mais famoso desses professores foi Plócio. (Quint. *IO* 2.4.41)

Quintiliano comenta aqui que o hábito de discursar sobre temas imaginários, imitando casos deliberativos ou judiciais, teria se iniciado por volta da época de Demétrio de Falero (“circa Demetrium”). Merece certa atenção, contudo, o *circa* utilizado por Quintiliano; duas leituras são possíveis: a prática teria surgido na época ou no círculo de Demétrio. Como atenta Russell (1983, 19), caso Quintiliano tenha tido em mente uma fonte grega *οἱ περὶ (ἀμφὶ) Δημητρίου*, é presumível que o próprio Demétrio tenha sido o *εὐρητής* da prática. Filóstrato reconhece o *floruit* da declamação nos fins do século IV a.C.:

Ἡ μὲν δὴ ἀρχαία σοφιστικὴ καὶ τὰ φιλοσοφούμενα ὑποτιθεμένη διήει αὐτὰ ἀποτάδην καὶ ἐς μῆκος, διελέγετο μὲν γὰρ περὶ ἀνδρείας, διελέγετο δὲ περὶ δικαιοσύνης, ἡρώων τε πέρι καὶ θεῶν καὶ ὅπῃ ἀπεσχημάτισται ἡ ἰδέα τοῦ κόσμου. ἡ δὲ μετ’ ἐκείνην, ἦν οὐχὶ νέαν, ἀρχαία γάρ, δευτέραν δὲ μᾶλλον προσρητέον, τοὺς πένητας ὑπετιπώσατο καὶ τοὺς πλουσίους καὶ τοὺς ἀριστέας καὶ τοὺς τυράννους καὶ τὰς ἐς ὄνομα ὑποθέσεις, ἐφ’ ἧς ἡ ἱστορία ἄγει. ἤρξε δὲ τῆς μὲν ἀρχαιοτέρας Γοργίας ὁ Λεοντίνος ἐν Θετταλοῖς, τῆς δὲ δευτέρας Αἰσχίνης ὁ Ἄτρομήτου τῶν μὲν Ἀθηνησὶ πολιτικῶν ἐκπεσῶν, Καρία δὲ ἐνομιλήσας καὶ Ρόδῳ, καὶ μετεχειρίζοντο τὰς ὑποθέσεις οἱ μὲν [ἀπὸ Αἰσχίνου] κατὰ τέχνην, οἱ δὲ ἀπὸ Γοργίου κατὰ τὸ δόξαν.

A Sofística antiga, mesmo quando pressupunha temas filosóficos, discorria sobre esses de maneira profunda e prolixa. Discursava sobre a coragem, discursava sobre o que é mais justo, sobre heróis e deuses e sobre o modo pelo qual a forma do universo configurara-se. A posterior a essa – melhor ser chamada de segunda, não “nova”, pois é antiga – esboçava pobres e ricos, heróis e tiranos; o nome dado era hipótese e a elas a história guia. Górgias, o leontino, deu início à mais antiga na Tessália, Ésquines, filho de Atrometo, fundou a segunda, após ser exilado dos assuntos políticos atenienses e ter se refugiado na Cária e em Rodes. Os seguidores de Ésquines lidaram com as hipóteses segundo uma arte, os de Górgias segundo uma conjectura. (*VS* 481)

O sofista do Império tardio distingue duas fases da sofística: a primeira, fundada por Górgias na Tessália, preocupa-se com temas genéricos e de caráter abstrato. A segunda, iniciada por Ésquines em Rodes e na Cária,

ocupa-se com “hipóteses”, questões de cunho específico e particularizado que podem ser tratadas por meio de personagens-tipo (o rico, o pobre, o tirano, o herói, etc.). Segundo Bonner (1949, 12) é difícil acreditar que o tipo de exercício mencionado por Filóstrato ao contextualizar a “segunda sofística” tenha sido uma declamação aos moldes das encontradas no Império tardio. Talvez esses exercícios fossem apenas “straightforward type-declamations” (“declamações simples, não muito rebuscadas”, em tradução livre), como “Contra o tirano” ou “Contra o rico”, talvez algo um pouco mais requintado que um lugar-comum.

Duas contribuições modernas receberam destaque nos estudos da história da declamação. A primeira, mais antiga, foi Janet Fairweather (1981), em sua tese intitulada *Seneca The Elder*. De modo geral, sua teoria resume-se no seguinte parágrafo:

Perhaps, then, the prototypes of controversia were first contrived by Ionian sophists for use in cities where laws such as we find associated with τετραλογία and controversia, akin to those of Athens, but in some ways more backward than them, were in force, all this in a period when the problems of cities afflicted by insolent tyrants in their citadels and unreasonably demanding tyrannicides, so striking and anachronistic feature of Roman exercises, had recently become matters of consuming interest”. (Fairweather 1981:114–5)

A principal razão pela qual Fairweather associa os exercícios judiciais à Jônia é a presença de jonicismos na linguagem das *Tetralogias* de Antifonte. Sugeriu-se (Fairweather 1981, 114) que as *Tetralogias* representam a imitação do gênero jônico por um ateniense e que as palavras puramente jônicas são termos legais. Além disso, há um aparente distanciamento entre as leis das *Tetralogias* e as leis em voga na Atenas do quinto século. Outra razão salientada por Fairweather é o papel importante protagonizado pelos tiranos na história da Jônia.

A teoria de Fairweather, embora intrigante, não recebeu boa acolhida. Russell refuta:

But tyrants continued to be a problem right down to Roman times, and the impact of Athenian law and oratory must surely have been decisive. A date in the late fourth century seems more likely; and this was the view taken in antiquity by Quintilian and by Philostratus, both of whom were well placed to make informed guesses. (Russell 1983, 18)

O elemento mais distintivo entre os exercícios escolares dos séculos quinto e quarto e a declamação pós-helenística é, contudo, a presença das personagens-tipo.²⁰ Temas retirados da história e da mitologia já faziam

²⁰ Nas *Tetralogias* as personagens não são nomeadas, mas se afastam muito das personagens-tipo encontradas nas declamações tardias (rico, pobre, velho sovina, herói jovem, tirano etc.). O

parte do repertório dos professores de oratória no Período Clássico, mas os motes que envolvem personagens como o velho miserável, o jovem bravo ou o tirano cruel parecem ter surgido no fim do século iv a.C. Filóstrato, na passagem menciona anteriormente, argumenta que Ésquines, ao se exilar em Rodes, foi o primeiro a empregar temas genéricos. É curioso Filóstrato associar o surgimento das personagens-tipo em exercícios retóricos ao período em que, com a perda da influência de Atenas, muitos professores de retórica migraram para outras regiões da Grécia. Naturalmente, da necessidade de criar exercícios abalizados em aspectos gerais, atraentes aos estudantes e livres o suficiente para se exercitar teorias acerca da *invenção* é que surgiram as declamações centradas em personagens-tipo.

No mesmo período, curiosamente, outros gêneros poéticos encontraram guarida nos motes entremeados por conflitos familiares e questões morais genéricas – pobreza, riqueza, lascívia, castidade; como é o caso do mimo e da comédia. É na comédia, no entanto, que esse processo é mais patente. Embora haja já em Aristófanes uma recorrência de personagens-tipo, como o velho Estrepsíades nas *Nuvens* e Filocleão das *Vespas*, comumente associa-se à comédia nova o tratamento mais demarcado das personagens-tipo.

Da segunda metade do século iv a.C., possuímos apenas uma comédia, *O Misanthropo de Menandro* (341 a.C.–290 a.C.) e uma coleção de fragmentos substanciais de mais seis peças do mesmo autor (*Escudo*, *Os árbitros*, *O Odiado*, *A garota de Cabelos Cortados*, *A Mulher de Samos* e *O Sicônio*). As peças de Menandro, indubitavelmente, põem em cena personagens comuns ao universo das famílias mais abastadas de Atenas. A progressão dos enredos satíricos e politizados de Aristófanes à comédia de caracteres e situações de Menandro esclarece-se se vista sob a luz das mudanças sociais que caracterizaram o quarto século. Sugeriu-se que já na época de Menandro não houvesse o financiamento público das peças e dos espectadores. Sendo assim, a audiência seria composta, diferentemente da de Aristófanes, no qual a população era encorajada a tomar parte, pelas classes mais altas da sociedade ateniense, sobretudo a classe média ascendente. Hunter (1985, 10–1) argumenta que, nessas peças, a repetição dos questionamentos sobre os deveres dos ricos para com os pobres (ex. *Misant.* 271–87) e

único discurso do século v a.C. cujas personagem talvez se aproximem das personagens-tipo da declamação é *A Acusação contra a Madrasta* também de Antífonte. Nesse discurso, as personagens não são nomeadas, apenas Filoneo e, possivelmente, a madrasta, Clitemnestra; discute-se, porém, o valor dos nomes nesse texto. Quem argumenta contra o fato de o texto ser uma declamação diz que Filoneo seria um nome puramente ático e não um nome alusivo, como é comum encontrarmos nas comédias. Clitemnestra ocorre em uma passagem corrupta: talvez seja apenas uma comparação entre a madrasta do caso e a personagem mítica. A madrasta, contudo, é uma personagem-tipo bastante explorada nas declamações romanas. Sobre a passagem de Antífonte, cf. Maidment 1941, 11. Sobre a *noverca* nas declamações latinas, cf. Watson 1995, 92–135.

sobre igualdade social (*Samia* 137–43) certamente soariam como uma demonstração da piedade com a qual as classes mais abastadas satisfazem sua consciência. O realismo pelo qual a literatura helenística é distinguida reflete-se, portanto, no enredo através dos motes menos lúdicos e fantasiosos do que os de Aristófanes. O mesmo processo é refletido, também, em elementos extra-textuais do teatro. O *enkyklema* deixou de ser usado, dando espaço a uma estrutura “unidade de espaço”; o enredo não mais se passa em diferentes espaços cênicos, mas apenas em um, comumente uma rua. Além disso, o falo característico da Comédia Antiga também dá lugar às roupas simples.

Outra explicação plausível ao realismo encontrado na Comédia Nova é a necessidade de adequar a temática a um público mais amplo, uma vez que o gênero expandira-se para outras partes da Grécia. Por esse motivo, não há em Menandro menções a políticos da época e nem um tratamento sistemático de temas eróticos. De toda forma, embora já delineado no segundo livro da *Retórica* de Aristóteles e em Aristófanes, o interesse notório nos caracteres, apenas no fim do século IV a.C., passa a ser sistematizado e teorizado, notadamente exposto no *Caráteres* de Teofrasto e posto em prática nas comédias de Menandro.

Desta forma, é razoável acreditar que os temas declamatórios de cunho genérico surgiram da necessidade de exercitar os caracteres mais corriqueiros – como o pobre, o rico, o herói de guerra, o velho miserável etc. É conjectural, contudo, afirmar que tais temas surgiram para cobrir uma demanda crescente em aprender sobre as tipificações genéricas dos caracteres, mas parece possível crer que tal demanda houvesse, uma vez que o gênero cômico teria se popularizado bastante no fim do Período Clássico, espalhando-se por outras partes da Grécia que não Atenas.

Todos os temas declamatórios encontrados na declamação tardia – mitológicos, históricos e genéricos – estavam presentes nos repertórios dos professores de oratória do fim do século IV a.C.; sendo, porém, o mais antigo aquele concernente às histórias retiradas da mitologia. Embora as declamações sobre temas genéricos, ao que indicam as evidências atestadas por Teofrasto e pela Comédia Nova, tenham surgido na virada entre os séculos quarto e terceiro, nenhum papiro helenístico supérstite contém tais exercícios. Pelo contrário, a maioria dos poucos e pouco estudados exercícios retóricos do Período Helenístico centra-se em temas históricos.²¹

²¹ Um dos fragmentos papiráceos de declamação mais notório, tanto por seu caráter quanto por sua extensão, é o P.Hibeb 15 (século III a.C.). Nele, uma ação é trazida contra Alexandre. Outros fragmentos declamatórios são P.Berol. 9781 (III a.C.) e os encontrados na edição de Pack, cuja análise é dada em Wooten (1962) e Kremmydas (2013).

Pouco se sabe, com certeza, sobre a retórica ou sobre o ensino dela no Período Helenístico, embora muitos sejam os fragmentos papiráceos supérstites de exercícios escolares, ainda pouco estudados pelos especialistas ou erroneamente catalogados no século passado. Kremmydas (2013, 142–3) sugere que dois fatores contribuíram para que os papiros helenísticos fossem ignorados pela crítica: o primeiro seria um interesse mais explícito em outros gêneros literários, sobretudo os poéticos, em detrimento dos fragmentos de prosa. Além disso, acredita-se que no Período Helenístico, a oratória estivesse numa fase de decadência, bem como a liberdade política e as instituições democráticas. No entanto, há suficiente evidência para apoiar a tese de que no período em questão, o ensino da oratória ainda ocuparia um lugar de destaque na educação das classes mais abastadas. Políbio, por exemplo, critica em suas *Histórias* (12.25a5) o historiador Timeu por discursar como se fosse um estudante na escola de oratória. Além disso, os latinos creditaram a Hermágoras de Temnos (II a.C.) o desenvolvimento da teoria da *σπάσις*.

A declamação pós-helenística grega caracteriza-se, especialmente, pelo uso sistemático e explícito dos exercícios preliminares. Facilmente pode-se reconhecer numa declamação uma descrição, uma narração, o uso de provérbios e máximas, uma personificação, entre outros. Possivelmente, é isso que a difere das declamações do Período Clássico, como a *Helena* de Górgias, o *Odiseu* de Alcidas e outros já mencionados. Esperava-se, no período Imperial, que o jovem soubesse incorporar tais partes ao seu discurso, daí a crítica ressaltar com certa frequência que a declamação seria “o coroamento” do ensino da oratória.

Kennedy (2003, xi) argumenta que o ensino dos *progymnasmata* (“exercícios preliminares”) data do século IV a.C. e, de fato, muitos deles já aparecem na *Retórica* de Aristóteles e a primeira aparição de *προγυμνάσματα* aconteceu na *Retórica a Alexandre* (1436a25). O tratamento aristotélico é, contudo, diferente do refinamento teórico sobre tais exercícios encontrado nos manuais de Élio Teão, Hermógenes, Aftônio e Libânio, os quais dedicam partes específicas a cada exercício, além de apresentarem uma ordem na qual esses deveriam ser introduzidos no discurso. Um dos exercícios preliminares mais patente e facilmente reconhecível é o da *prosopopéia* ou personificação. Teão define o exercício como o discurso que alguém proferiria diante de uma determinada situação: “o que diria um homem à sua mulher ao partir em expedição? ou um general aos seus soldados diante do perigo?” (*Progy.* 115). Um dos exemplos mais interessantes da coleção de Corício está na primeira declamação (*Decl.* 1. 12.2.88–9). Nesta passagem, duas são as personificações. Primeiro, Príamo (na realidade, Corício) reconta as palavras de Polixena ao ser confrontada com a possibilidade de

casar-se com Aquiles. Depois, Príamo narra o que Andrômaca disse ao filho, Astíanax, no momento da rendição troiana:

ὡς γὰρ ἐκ τῶν βασιλείων ἔτομος ἦν εἰς ὑμᾶς προΐεναί, λαβομένη μου τῆς χειρὸς καὶ μόλις ἐκ τῶν δακρῶν ἀνενεγκούσα <πάτερ,> φησίν, <ἄλλοτε μὲν οὐδαμοῦ φιλόνεικον εἶδες τὴν σὴν θυγατέρα οὐδὲ ἔστιν ὃ τι προσταχθεῖσα ποιεῖν οὐ διηκόνησά σοι προθύμως· τῷ δὲ μοι τοὺς ἀδελφοὺς ἀνελόντι, κἂν ἐπιτρέψῃς, ὦ πάτερ, οὐ πείσομαι συνοικεῖν. αἰσχύνομαι τὰς Τρωάδας· βαρῶ γὰρ ἐκάστης ἀκούειν· ὁ Πολυξένης ἀνὴρ ἀνεῖλέ μοι τὸν υἱόν, ἐμοὶ δὲ τὸν πατέρα, ἐμοὶ δὲ ἐκένωσεν τὴν πιστάδα. δεῖ δὲ σε, ὦ πάτερ,> ἔφη, <καὶ τὴν Ἑκτορος ψυχὴν.> εἶτα μέλλουσά τι λέγειν, ὦ Τρῶες, αὐτὴ τε τοῖς δακρῶσις ἐπεστομίσθη καὶ κατήνεγκεν εἰς θρήνον ἐμέ τε καὶ τὴν μητέρα. οὕτω δὲ ἐπὶ τούτοις ἡμῶν δακρῶντων ἐπεισέρχεται φέρουσα τὸν υἱὸν Ἀνδρομάχη βοῶσά τε καὶ κοπτομένη καὶ πρὸς τὸ παιδίον· <μάτην, ὦ τέκνον,> φησί, <φέρων σέ ποτε ταῖς χερσίν ὁ πατήρ εὗξατο τοῖς θεοῖς ἄνδρα γενέσθαι καὶ τῆς πατρῴας ἀρετῆς κληρονομήσαι καὶ βεβαίως ἄρ-χειν τῆς Τροίας. πῶς γὰρ ἀκούσῃ τοῦ τεκνόντος ἀμείνων; πῶς ἀναβῆσθαι μοι κομίζων ἐκ τῆς παρατάξεως λάφυρα; πῶς ἀθμοῦσαν ἐμέ τὴν κακοδαίμονα τέρψεις; ταῦτα γὰρ εὗξατό σε ποιεῖν ὁ πατήρ, ἀνένευσαν δέ, ὡς ἔοικεν, οἱ θεοί, καὶ πράττεται σε δίκη, ὡς εἰκός, Ἀχιλλεὺς πατρικῆς ἀριστείας, ἵνα μηδὲ σπέρμα ἡμῶν Ἑκτορος καταλείψῃ.>

Quando eu estava pronto para me juntar a vós, ela tomou minha mão e não segurando as lágrimas, disse: “Pai, em nenhum momento, jamais, viste tua filha ser desobediente nem não servir a ti prontamente, não fazendo aquilo que lhe fora ordenado. Se me confiares, pai, ao assassino de meus irmãos, eu não obedecerei à ordem de casar. Eu me sinto envergonhada diante das troianas. É difícil ouvi-las assim: “O marido da Polixena matou meu filho” ou “meu pai” ou “fez meu leito vazio”. Ela disse: “Pai, é preciso que tu e a alma de Heitor...”, então, troianos, quando ela estava prestes a continuar, emudeceu-se com lágrimas e reduziu a mim e a sua mãe ao lamento. Assim, enquanto chorávamos, Andrômaca veio até nós, carregando seu filho, gritando e se batendo, e ao filho disse: “Filho, em vão teu pai pediu aos deuses, segurando-te em seus braços, que tu te tornasses um homem, que herdasses a bravura paterna e que reinasses sobre Tróia com segurança. Como poderás ser considerado melhor que teu pai? Como retornarás trazendo a mim os espólios da batalha? Como me animarás, infeliz e desiludida? Isso teu pai rogou, mas os deuses, como parece, recusaram. Aquiles quererá vingar-se de ti pela bravura paterna, para que não sobre nenhuma semente de Heitor”.

O cenário fictício, o enredo retirado da história ou da mitologia, as personagens-tipo em situações cotidianas, o tratamento sistemático dos exercícios preliminares, a divisão pouco frouxa entre as partes do discurso (proêmio, narração, prova e epílogo), a teoria das *στάσεις* posta em prática; todos esses são elementos que caracterizam a declamação pós-helenística. Como vimos, todos esses elementos já eram, de certa forma, presentes no repertório do professor de oratória do Período Clássico, sofrendo, contudo, um refinamento e aperfeiçoamento no Período Helenístico. Portanto, não seria errôneo afirmar que a declamação aos moldes das encontradas no Período Romano já estivesse em circulação a partir do século III a.C., ainda que as únicas declamações que nos restaram desse século sejam fragmentos papiráceos de temática histórica.

A DECLAMAÇÃO COMO GÊNERO LITERÁRIO

Τὴν δὲ σκηνὴν τοῦ ἀνδρός, ἥ ἐς τὰς μελέτας ἐχρήσατο, ἔστι μὲν καὶ Ἡρώδου μαθεῖν ἐν μιᾷ τῶν πρὸς τὸν Βάρβαρον ἐπιστολῇ εἰρημένων, δηλώσω δὲ κατὰ ἐκεῖθεν· παρῆι μὲν ἐς τὰς ἐπιδείξεις διακεχυμένῳ τῷ προσώπῳ καὶ θεαρρηκότι, φοράδην δὲ ἐσεφοῖτα διεφθορότων αὐτῷ ἤδη τῶν ἄρθρων. καὶ τὰς ὑποθέσεις οὐκ ἐς τὸ κοινὸν ἐπεσκοπεῖτο, ἀλλ' ἐξῶν τοῦ ὀμίλου βραχὺν καιρὸν. φθέγμα δὲ ἦν αὐτῷ λαμπρὸν καὶ ἐπίτονον καὶ κρότος θαυμάσιος οἷος ἀπεκτύπει τῆς γλώττης. φησὶ δὲ αὐτὸν ὁ Ἡρόδης καὶ ἀναπηδᾶν τοῦ θρόνου περὶ τὰς ἀκμὰς τῶν ὑποθέσεων, τοσοῦτον αὐτῷ περιεῖναι ὀρμῆς, καὶ ὅτε ἀποτορνέοι περίοδον, τὸ ἐπὶ πᾶσιν αὐτῆς κῶλον σὺν μειδιάματι φέρειν, ἐνδεικνύμενον πολὺ τὸ ἀλύτως φράζειν, καὶ κροαίνειν ἐν τοῖς τῶν ὑποθέσεων χωρίοις οὐδὲν μείον τοῦ Ὀμηρικοῦ ἵππου. ἀκροᾶσθαι δὲ αὐτοῦ τὴν μὲν πρώτην, ὡς οἱ δικάζοντες, τὴν δὲ ἐφεξῆς, ὡς οἱ ἐρώντες, τὴν δὲ τρίτην, ὡς οἱ θαυμάζοντες, καὶ γὰρ δὴ καὶ τριῶν ἡμερῶν ζυγγενέσθαι οἱ.

E quanto aos ornamentos cênicos, dos quais ele se valia em suas declamações, é possível ter uma ideia a partir de Herodes, pois foram descritos por ele em uma carta a Bárbaro. Eu os mostrarei a partir dessa fonte. Ele vinha para suas apresentações com um ar dissoluto e confiante e era carregado numa padiola, pois suas juntas já estavam desgastadas. Ele não refletia sobre os temas em público, mas afastava-se da reunião durante um curto tempo. Sua linguagem era clara e refinada e um zumbido esplêndido ressoava de sua língua. Herodes disse também que ele pulava de seu assento no clímax das declamações, tamanho era seu excesso de inspiração, que ele, quando arrematava uma sentença, levava a conclusão a todos com um sorriso, revelando uma elocução sem esforço e que trepidava alguns lugares de suas declamações como não menos que um cavalo de Homero. Herodes diz que, quando o ouviu declamar pela primeira vez, ouviu como um juiz; na seguinte, como um amante, na terceira ouviu como um admirador e que se reuniu com ele durante três dias. (Filóstrato, *VS* 537)

Ao passo em que a declamação não mais se restringia ao contexto escolar e que fora incorporada às ἐπιδείξεις (“demonstrações”) como principal veículo de manifestação do saber sofisticado, é possível argumentar a favor de um “gênero declamatório”, restrito a regras, funções e performances específicas e distinto dos “discursos reais”, aqueles compostos tendo em vista uma situação real e contemporânea ao orador. Nesse tópico, pretendo escrutinar as circunstâncias que circundavam a apresentação de uma declamação a partir do testemunho das fontes antigas, sobretudo Filóstrato e Sêneca.

Seria correto afirmar que, durante o Império, a principal atividade dos professores de retórica, ou sofistas, como os chama Filóstrato, era a de declamar. O discurso modelar, da qual a declamação imperial é afiliada, desde a primeira geração de sofistas, tais como Górgias e Antifonte, constituía-se como a principal ferramenta pedagógica à disposição do professor de oratória. O modelo pedagógico baseado no discurso exemplar beneficiava-se, sobretudo, da circulação de livros técnicos,²² os quais poderiam

²² Cf. *Con.* 1.pr.16: Sêneca diz que Latrão não usava livros, mas que confiava puramente em sua inteligência.

ser um compilado de excertos diversos (coleção de *sententiae*, proêmios, epílogos etc.) ou uma exposição breve de exemplos ilustrativos a determinado aspecto em questão, como é o caso do livro de Hermógenes. Já num período anterior ao Romano, a declamação transpôs os muros das escolas e adquiriu um fim em si mesmo, sendo possível falar em termos de “declamadores profissionais”. Através de seus discursos, os sofistas, que comumente ocupavam cargos políticos no sistema imperial, adquiriam renome. Em Sêneca vemos a figura do *bonus declamator*, que não necessariamente era um orador talentoso, e vice-versa:

Quosdam disertissimos cognovi viros non respondententes famae suae cum declamarent, in foro maxima omnium admiratione dicentes, simul ad has domesticas exercitationes secesserant desertos ab ingenio suo.

Eu conheci homens muito eloquentes, que não faziam jus às suas famas quando declamavam. No fórum, falavam com a máxima admiração de todos, mas quando se retiravam às exercitações domésticas eram desertados por suas inteligências. (*Con.* 3.pr.3)

No terceiro prefácio (§7), Sêneca comenta que Cássio Severo, apesar de sua incrível eloquência na oratória forense, era um declamador pouco hábil. Ele, no entanto, possuía todas as características necessárias à boa declamação: um dictionário não vulgar, nem baixa (“phrasin non vulgarem nec sordidam sed electam”), um tipo de oratória não relaxada e nem lânguida, mas ardente (“genus dicendi non remissum aut languidum sed ardens et concitatum”), uma explanação nem lenta e nem vazia, mas repleta de conteúdo e verbo (“non lentas nec vacuas explicationes, sed plus sensuum quam verborum habentes”) e diligência (“diligentiam”). Similarmente, Filóstrato (*VS* 569) elenca as características que faziam de Antioco um bom declamador: impetuosidade nas acusações e investivas (σφοδρὸς δὲ ἐν ταῖς κατηγορίαις καὶ ἐπιφοραῖς); plausibilidade nas defesas (εὐπρεπὴς δὲ τὰς ἀπολογίας) e força na caracterização (τῷ ἠθικῷ ἰσχύων). A última característica parece, contudo, ter sido de maior importância ao bom declamador. Luciano em *A Dança* (*De Saltatione* 65) afirma que, assim como o ator, aquele que compõe declamações deve adequar a linguagem ao caráter do imitado: um príncipe, um tiranicida, um rico, um pobre; cada um deve mostrar as peculiaridades que lhe pertencem.

A declamação Imperial, sobre a qual fala Filóstrato, era, concomitantemente, ensinada nas escolas, apresentada em público e/ou circulava por escrito. Todas essas “funções”, como nota Russell (1983, 74) se complementavam: através da exibição pública e da circulação popular do texto por escrito, o sofista fixava uma reputação, que, se renomada, funcionaria como um chamariz de alunos. Filóstrato nos conta de sofistas que recebiam alunos de todas as partes do Império. Escopeliano (*VS* 518), por exemplo, en-

quanto ensinava em Esmirna, recebia jovens da Jônia, Lídia, Cária, Meônia, Eólia e também “os helênicos”²³ da Mísia e Frígia.

As sessões declamatórias ocorreriam abertas ao público ou em privado,²⁴ numa reunião para convidados. Os discursos poderiam ser improvisados ou pré-ensaiados²⁵ e eram parte integrante da “demonstração” dos sofistas. A prática restringia-se às classes abastadas, as quais possuíam o poder aquisitivo para custear a apresentação de uma declamação.²⁶ Escopeliano, por exemplo, cobrava uma taxa para declamar e Varo, um jovem afluente, exigia a presença de seus devedores em suas declamações como forma de abatimento dos juros.²⁷

Era costumeiro que houvesse um discurso preambular (διάλεξις/λαλιά/προλαλιά²⁸) antes da declamação.²⁹ O nome sugere que tais preâmbulos possuísem um caráter informal; seriam mais como uma “conversational chat”, como sugere Russell (1983, 77) e que não teriam o rigor formal de um discurso retórico, um *logos*. O vínculo entre a temática das introduções e a da declamação a ser proferida é tênue; usualmente, explanam-se elementos extratextuais, como a necessidade da reunião e o caráter da audiência presente, e alusões à mitologia ou anedotas retiradas dos poetas canônicos. Não há uma preocupação em expor a argumentação a ser utilizada – isso é alimento da *θεωρία* – e o estilo é menos rigoroso: as sentenças são curtas, não há estruturas periódicas e a exposição das ideias é bastante breve. A simplicidade formal das introduções era objeto de crítica.³⁰ Filóstrato (VS 568), por exemplo, conta que Antioco não possuía talento para compor *διάλεξις* e que lidava com o assunto de forma infantil: *διελέγετο μὲν οὖν οὐκ ἐπιτηδείως – φρονιμώτατος δ’ ἀνθρώπων γενόμενος διέβαλλεν αὐτὸ ὡς μειρακιῶδες* (“Ele não compunha introduções de modo adequado; embora fosse um dos homens mais sábios, costumava abordar isso como uma criança”). Infere-se a partir da descrição de Filóstrato (VS 519) que as introduções seriam pronunciadas

²³ Οἱ Ἕλληνας (ou o singular) era o termo aplicado para todo homem versado na educação clássica grega e que era capaz de utilizar o dialeto ático com fluência. Sobre o vocábulo, Cf. Russell 1983, 84 n.51.

²⁴ Cf. *Con.* 1.1.22: *apud Cestium*; *Con.* 7.pr.1: Albúcio declamava cinco ou seis vezes ao ano em público e admitia poucos em seus exercícios privados (“secretas exercitationes”).

²⁵ Cf. VS 515. Filóstrato fala que o sofista assírio Iseu não fazia suas declamações de improviso (τὰς δὲ μελέτας οὐκ αὐτοσχεδίου ἐποιεῖτο).

²⁶ Sobre declamações pronunciadas a imperadores cf. *Con.* 2.4.12; VS 583.

²⁷ Cf. VS 519 e 537, respectivamente.

²⁸ Russell (1983, 75 n.7) reconhece que *sermo* seja o equivalente latino para esse tipo de discurso introdutório. No entanto, na minha opinião, pela natureza dos discursos supérstites de Quintiliano, o equivalente de *sermo* seria *θεωρία*.

²⁹ Cf. VS 519 e 604; Aristides *Or.* 51.16 (traduzido em Russell 1983, 76–7).

³⁰ Cf. VS 579.

enquanto o declamador ainda estivesse sentado, fato esse que confirma o caráter informal das mesmas.³¹ O teor genérico de uma introdução pode ser apreendido a partir das introduções às declamações *O Jovem Herói* e *O Velho Sovina*, cujas traduções encontram-se nesse relatório.

Após a introdução, o tema seria sugerido pela audiência (ή σπουδασθείσα υπόθεσις, “o tema escolhido” VS 572). Era comum que o tema fosse arguível a dois declamadores, havendo, assim, uma espécie de competição entre os discursos.³² Alguns sofistas confiavam na improvisação, outros ponderavam sobre o tema por algum tempo. Reardon (1971, 111) estabelece uma analogia entre com o jazz: assim como no jazz, a improvisação é preferida nas declamações. A prática, contudo, não deveria ser tão desafiadora quanto parece: os temas se repetiam com frequência e o declamador tinha à sua disposição diversos sistemas teóricos dos quais poderia valer-se em seu treinamento. É impossível falar de “improvisação” pura nesses contextos, uma vez que a retórica antiga dispunha de ensinamentos teóricos sobre o ato de improvisar.

Não era o tema que deveria soar uma novidade à audiência, mas sim o tratamento dado ao mesmo pelo declamador. A anedota contada por Filóstrato (VS 579) sobre Filagro da Cilícia é um bom exemplo: Filagro foi a Atenas e, por sua personalidade estranha, não obteve boa acolhida. Os discípulos de Herodes resolveram, então, preparar uma armadilha. Sabendo que Filagro já havia declamado um tema “Os que rejeitam como aliados quem não é convidado” (οἱ παραιτούμενοι τὴν τῶν ἀκλητῶν συμμαχίαν), tendo em mãos o texto escrito e tendo ouvido que Filagro costumava mentir sobre suas improvisações, os pupilos sugerem o mesmo tema sobre o não convidado. Filagro declama e os jovens começam a ler em voz alta o texto publicado.

A natureza dos textos supérstites convida a ponderar sobre a relação entre o texto que seria apresentado na “demonstração” do sofista e o texto publicado. As declamações de Polemo, Adriano e Lesbonax são bastante sucintas se comparadas às de Corício e Libânio. Segundo Russell (1983, 81), é possível que as primeiras (de Polemo, Adriano e Lesbonax) sejam apenas sumários das declamações que de fato foram pronunciadas, uma vez que o mais importante seria não o texto, mas a performance do declamador, como indicam os testemunhos de Filóstrato e Luciano citados previamente.

Embora, ao que parece, a ação de enunciar uma declamação tenha sido um fator decisivo na manutenção e recolha do texto, seria perigoso

³¹ Διελέγετο δὲ ἀπὸ μὲν τοῦ θρόνου, “Fazia a introdução ainda sentado” (VS 519, sobre Escopeliano).

³² Cf. ὁ ὑπερ μελέτης ἀγῶν, VS 601; Libânio, *Epist.* 742.

ignorar o importante papel dos temas no processo. Dos quarenta e cinco temas (ou *hipóteses*) citados por Filóstrato, segundo levantamento feito por Kennedy (1974), trinta e um são de cunho histórico. Essa preferência pela história clássica explica a anedota sobre Filagro (*VS* 579), que, após ser enfrentado por Anficles, o pupilo mais distinto de Herodes, responde que sua afirmação não é de nenhum autor canônico, mas dele mesmo:

– παρὰ τίνι τῶν ἔλλογίμων τοῦτο εἶρηται;
– παρὰ Φιλάγρω.

– Em qual dos autores canônicos isso é dito?
– Em Filagro.

O movimento de permanência e aprendizado da cultura grega clássica é o que mais caracterizou a Segunda Sofística, da qual Filóstrato e as declamações por ele narradas fazem parte. Não é à toa que, embora o sistema educacional esteja submetido aos poderes do Imperador, pois era ele que nomeava as cátedras de retórica nas cidades mais importantes, os temas e as formas pelos quais se davam a instrução oratória sejam puramente gregos. Isso não se deu apenas no período da Segunda Sofística, mas estendeu-se, também, aos períodos mais tardios da história grega. A preservação dos temas históricos nas declamações representa um processo de autoafirmação de uma identidade cultural e de reconhecimento de valores clássicos gregos.

CONCLUSÕES

Hodiernamente declamação parece possuir dois significados: um, mais lato, de discurso proferido sobre situação hipotética, cujas semelhanças aos textos modelares do século v a.C. são patentes. Outro, estrito, associado à declamação latina, comumente lembrada por seus temas genéricos, familiares, fantasiosos e pela manipulação da história. A prática surgiu, ao que parece, no século v a.C., e não no vi a.C., como sugeriu Fairweather. É no fim do século iv a.C., no entanto, que o gênero parece ter sido moldado naquilo que, no período Imperial, consolidou-se como a declamação propriamente dita. As características que definem o gênero são: a presença das partes tradicionais do discurso, o tratamento sistemático dos exercícios preliminares, a teoria da *stasis* posta em prática e os temas mitológicos, genéricos e históricos. Filóstrato conta que a declamação era a principal atividade dos sofistas: através das exposições de suas declamações, o professor de retórica adquiria renome e, através de sua reputação, angariaria estudantes.

A recorrência de temas de cunho histórico nas declamações gregas imperiais aponta para o processo de preservação da cultura grega clássica nas colônias gregas sob o Império Romano; fato esse que pode resguardar à declamação uma função mais complexa do que se imaginava.

REFERÊNCIAS

- Amato, E. "The Fortune and Reception of Choricus and of his Works." In *Rhetoric Exercises from Late Antiquity: a translation of Choricus of Gaza's preliminary talks and declamations*, edited by Robert J. Penella, 261–302. Cambridge: Cambridge University Press.
- Berry, D. H. and M. Heath. 1997. "Oratory and Declamation." In *Handbook of classical rhetoric in the Hellenistic Period*, edited by Stanley E. Porter, 393–420. Leiden/ New York: Brill.
- Bloomer, M. 1997. *Latinity and Literate Society at Rome*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Bloomer, M. 1997. "Schooling in Persona: Imagination and Subordination in Roman Education." *CA* 16:57–78.
- Bloomer, M. 2007. "Roman Declamation: the Elder Seneca and Quintilian." In *A Companion to Roman Rhetoric*, edited by William J. Dominik and Jon Hall, 297–306. Oxford: Wiley-Blackwell.
- Bonner, S. F. 1949. *Roman Declamation in the Late Republic and Early Empire*. Liverpool: University Press of Liverpool.
- Bowersock, G. 1969. *Greek Sophists in the Roman Empire*. Oxford: Clarendon Press.
- Civiletti, Maurizio. 2002. "Meléte: análise semântica e definição de um gênero." In *Papers on Rhetoric* 4, edited by Lucia C. Montefusco, 61–87. Roma: Herder.
- Clark, D. L. 1957. *Rhetoric in Greco-Roman Education*. New York: Columbia University Press.
- Clarke, M. L. 1971. *Higher Education in the Ancient World*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Cole, T. 1991. *The Origins of Rhetoric in Ancient Greece*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Costrino, A. 2010. "A Lição dos Declamadores: Sêneca, o rétor, e as suasórias." Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Criore, R. 2001. *Gymnastics of the Mind: Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt*. New Jersey: Princeton University Press.
- Criore, R. 2013. *Libanius The Sophist: Rhetoric, Reality and Religion in the Fourth Century*. New York: Cornell University Press.
- Edward, W. 1929. *Seneca the Elder: Suasoriae*. Bristol: Bristol University Press.
- Fairweather, J. 1981. *Seneca the Elder*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fairweather, J. 1984. "The Elder Seneca and Declamation." *ANRW* 2(32.1):515–56.
- Garbellini, I. T. 2010. "Tradução e Comentário da *Arte Retórica* de Consulto Fortunaciano." Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

- Gunderson, E. 2003. *Declamation, Paternity, and Roman Identity: Authority and the Rhetorical Self*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Heath, M. 1994. "The Substructure of Stasis-theory from Hermagoras to Hermogenes." *CQ* 44:114–29.
- Heath, M. 1995. *Hermogenes' On Issues: Strategies in Later Greek Rhetoric*. Oxford: Clarendon Press.
- Heath, M. 2002. "Hermagoras." *Philologus* 146:287–98.
- Heath, M. 2003. "Pseudo-Dionysius *Art of Rhetoric* 8-11: Figured Speech, Declamation and Criticism." *AJPh* 124:81–105.
- Hunter, R. L. 1985. *The New Comedy of Greece and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kennedy, G. A. 1959. "The Earliest Rhetorical Handbooks." *AJPh* 80(2):169–78.
- Kennedy, G. A. 1963. *The Art of Persuasion in Greece*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Kennedy, G. A. 1974. "The Sophists as Declaimers." In *Approaches to the Second Sophistic*, edited by G. Bowersock, 17–22. Pennsylvania: University Park.
- Kennedy, G. A. 1983. *Greek Rhetoric under Christian Emperors*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Kennedy, G. A. 1999. *Classical Rhetoric and its Christian & Secular Tradition from Ancient to Modern Times*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Kennedy, G. A. 2003. *Progymnasmata: Greek Textbooks of Prose Composition and Rhetoric*. Introd. and trans. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Kennedy, G. A. 2005. *Invention and method: two rhetorical treatises from the Hermogenic corpus*. Trans. with introductions and notes. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Kremmydas, C. 2013. "Hellenistic Oratory and the Evidence of Rhetorical Exercises." In *Hellenistic Oratory: Continuity and Change*, edited by Christos Kremmydas and Kathryn Tempest, 139–64. Oxford: Oxford University Press.
- Marrou, H. I. 1956. *A History of Education in Antiquity*. Translated by George Lamb. Madison: University of Wisconsin Press.
- Marrou, H. I. 1948. *Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité*. Paris: Éditions du Seuil.
- Maidment, K. J., ed. 1941. *Minor Attic Orators*, vol. 1: *Antiphon. Andocides*. Cambridge, MA: Harvard University Press. (Loeb classical library, 308).
- Martin, T. M. 2010. "Tradução Anotada e Comentários da *Ars Rhetorica* de Caio Júlio Vitor." Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Morgan, T. 1998. *Literate Education in the Hellenistic and Roman Worlds*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Penella, R. J. et al., ed. 2009. *Rhetoric Exercises from Late Antiquity: a translation of Choricus of Gaza's preliminary talks and declamations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Poulakos, J. 1995. *Sophistical Rhetoric in Classical Greece*. Columbia: University of South Carolina Press.
- Reardon, B. P. 1971. *Courants littéraires grécques des IIe et IIIe siècles après J.-C.* Paris: Les Belles Lettres.
- Russell, D. A. 1983. *Greek Declamation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Russell, D. A. 1996. *Libanius Imaginary speeches: a selection of declamations translated with notes*. London: Duckworth.

- Schiappa, E. 1999. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven: Yale University Press.
- Schouler, Bernard. 2005. "Chorikios déclamateur." In *Gaza dans l'Antiquité Tardive. Archéologie, rhétorique et histoire*. Actes du colloque international de Poitiers (6-7 mai 2004), édités par Catherine Saliou, 117–33. Salerno: Helios.
- Sloane, Thomas O., ed. 2001. *Encyclopedia of Rhetoric*. Oxford University Press. doi: 10.1093/acref/9780195125955.001.0001.
- Watson, Patricia A. 1995. *Ancient Stepmothers: Myth, Misogyny and Reality*. Leiden: Brill. (Mnemosyne Suppl. 143).
- Wilcox, Stanley. 1942. "The Scope of Early Rhetorical Instruction." *Harvard Studies in Classical Philology* 53:121–55.
- Wooten, C. W. 1972. "A Rhetorical and Historical Study of Hellenistic Oratory." Ph.D. dissertation. University of North Carolina at Chapel Hill.



Title. Declamation as genre: its definitions, its origins and its uses.

Abstract. This paper intends to discuss declamation as a literary genre. For that, three main points served as a base for discussion: the definition of "declamation", the origins of declamation and its contexts of performance according, mainly, to Philostratus and Seneca. The author intended to present an introduction to declamation in Brazilian Portuguese on the grounds that these texts are not widely known to Brazilian scholars.

Keywords. Rhetoric; declamation; scholastic; Seneca the Elder; Philostratus.